

Teatro latino em Nova Iorque

Francesc Massip

O teatro latino-americano em Nova Iorque é representado numa zona da *Off-Off*Broadway e caracteriza-se pela denúncia.

É uma realidade incontestável que a abundante e variada imigração sul-americana em Nova Iorque encontra no idioma um forte denominador comum: o espanhol é a língua estrangeira mais ouvida na cidade e os seus falantes são conhecidos como os "latinos". Tudo isto se traduz no âmbito das artes cénicas e, neste sentido, o Instituto de Arte Teatral Internacional (IATI) desempenha desde 1968 um trabalho de acolhimento e projecção das inquietudes dramáticas desta população variada e humilde que luta para ter um lugar seu ao lado da poderosa actividade teatral nova-iorquina. De facto, o IATI, juntamente com uma outra companhia "latina", o Teatro Círculo, e uma americana, o Choice Theatre, acabam de comprar pela simbólica quantia de um dólar um prédio na 4th East Street, mesmo pegado ao Clube de Teatro Experimental La MaMa, um dos núcleos mais activos da chamada *Off-Off* Broadway, que muitas vezes lançou artistas de origem hispânica. Ali vimos uma actriz de peso e longo percurso como Sylvia Roldán, que interpretou o impressionante acto *Black in windows* de Yasmine Rana, sob a direcção de George Ferencz. É uma zona que a Câmara da cidade quer converter no bairro por excelência da *Off* Broadway, e com esta finalidade facilita este tipo de venda de propriedades municipais pedindo em troca às companhias ou associações compradoras que as recuperem à sua custa e com a cláusula de poder utilizar o imóvel só para fazer teatro. Uma iniciativa louvável, que a nossa Câmara poderia imitar, em vez de deixar tudo nas mãos da especulação imobiliária.

Fazer as malas

A directora artística, e também alma, do teatro IATI é a uruguaia Vivian Deangelo, formada na companhia El Galpón, de Montevideo, e durante anos actriz do Repertorio Español e de outros teatros hispânicos de Nova Iorque. Acaba de produzir e estrear a obra que encerra a antiga sede do Teatro IATI, um espaço tão pequeno como o saudoso teatro Malic situado num sexto andar ao qual se acede por um velho elevador do século passado, com portas de grades. Trata-se de uma adaptação de *Partidas*, da colombiana Diana Chery, que desde muito nova foi trabalhar com Els Comediants, quando apresentaram o espectáculo *Dimonis* em Bogotá (1998), e que de há uns anos para cá trabalha com a actriz em Nova Iorque. A obra, que ela própria encenou, compõe-se de cinco histórias do quotidiano sobre o tema da despedida, visualizada numa sequência inicial com todos os intérpretes que arrastam malas, como imagem do emigrante, do exilado, do fugitivo à procura de uma mudança renovadora, ou simplesmente de um futuro melhor, apesar de carregado de incerteza. É um fazer as malas tão

familiar aos espectadores que assistem às representações da peça, como emblemático da iminente mudança do Teatro IATI. No espectáculo participam cinco intérpretes de várias origens: a equatoriana Jessica Flori que, além de dar uma interpretação convincente, exhibe os seus dotes líricos interpretando *sones*, *bossanovas* e *boleros*, o uruguaio Marcos Cohen, a chilena Laura Spalding, o dominicano Francisco Díaz e a mexicano-japonesa Carla Nakatani. As personagens que interpretam passam pela experiência da separação, fruto por vezes do desamor, da perseguição política, do imperativo económico, da claustrofobia familiar ou da morte. Uns esperam, outros preparam a bagagem, todos enfrentam um forte choque emocional, mas também um estímulo para a mudança: realidades e vivências que a encenação transmite de forma directa e contundente.

Quixote em Nova Iorque

Na mesma rua 4th East, no espaço do New York Theater Workshop, a companhia do Teatro Círculo apresentou um singular *Quijote en Nueva York* (*Quixote em Nova Iorque*), escrito e encenado pelo portoriquenho Luis Caballero. Aproveitando as celebrações cervantinas, e enquanto Els Joglars preparavam *En um lugar de Manhattan* (*Num lugar de Manhattan*), aí mesmo se evoca a fábula quixotesca para apresentar as vicissitudes e as dificuldades do povo hispânico que foi chegando e que continua a chegar à grande cidade. O argentino Juan Villarreal interpreta um Quixote de Porto Rico que, instalado no bairro do Bronx, foi sempre incapaz de falar inglês e acaba num lar de idosos, completamente só e sem memória. Irá recuperá-la ao fugir do lar e à medida que for descobrindo uma Nova Iorque para além do Bronx. Primeiro encontra um Sancho mexicano (Emyliano Santacruz) que acaba de ser assaltado e a quem deixaram apenas a bicicleta com uma única roda: promete-lhe não uma ilha, mas um apartamento, em troca de o acompanhar na sua procura da memória. Pelo caminho, confundem uma *jinetera* (jovem cubana sexualmente disponível) com Dulcinéia, a quem o quixotesco Juancho presta homenagem lutando em duelo contra o cavaleiro negro que lhe dá uma rica tarefa num combate que a moça descreve como se fosse uma locutora de boxe. Interpreta a "menina" Eva Cristina Vásquez, uma actriz expressiva e também dramaturga, a mesma que representa o papel de Caridade do Cobre, a nossa senhora cubana que aparece a uns *balseros* (emigrantes cubanos que apanham jangadas para chegar aos Estados Unidos) que fazem a sonhada travessia em direcção à opulência enganosa. Os diferentes sotaques latino-americanos convergem no caleidoscópio de personagens que são convocadas para evocar os muitos e variados problemas com que se defrontam os imigrantes. Um teatro social que mostra a situação de sobrevivência que caracteriza as diferentes colectividades sul-americanas e que merece um



<

Partidas,
texto e enc. Diana Chery,
Instituto de Arte Teatral
Internacional,
(Laura Spalding
e Carla Nakatani),
fot. D.Chery.

lugar menos marginal e com maior visibilidade no panorama teatral nova-iorquino de hoje.

<

La importancia de llamarse Blanca,
texto e enc. Aminta de
Lara,
Latin American Theatre
Ensemble
(Pedro de Llano
e Diana Chery),
fot. Michael J. Palma.

Contra a corrupção

Outra estreia de peso foi *La importancia de llamarse Blanca* (*A importância de se chamar Branca*), uma peça escrita e encenada pela venezuelana Aminta de Lara, apresentada no Latin American Theatre Ensemble (El Portón del Barrio), na zona hispânica de Harlem. Trata-se de um drama cantado e descarnado sobre a corrupção política e o abuso de poder inspirado numa personagem real: Blanca Alida Ibáñez Piñate, uma fura-vidas, amante daquele que será o presidente venezuelano entre 1984 e 1989, Jaime Lusinchi, que se aproveitou da sua posição para fazer toda a espécie de negócios sujos. Quando a justiça conseguiu condená-la, já ela tinha fugido para os Estados Unidos onde vive à grande e à francesa à custa do seu próprio país, que continuou nas mãos de outro aproveitador sem escrúpulos.

A autora constrói uns diálogos corrosivos e acutilantes, que recriam o comportamento despótico, prepotente e cínico da protagonista que interpreta a própria Aminta de Lara, com uma acutilante dureza de expressão e uma determinação cheia de verdade. A sua opositora e vítima é interpretada pela também dramaturga Diana Chery, que no mesmo teatro estreou em Fevereiro a sua peça mais recente, *Aviões de papel*. Como atriz traz à flor da pele as emoções mais transparentes com que arrasta o público pelos recantos da sua personagem, uma mãe a quem a déspota atropelou a filha com aquela indiferença pela vida que costumam mostrar aqueles que detêm um poder recente e oportunista. O confronto entre as duas protagonistas, bem acompanhadas por Pedro de Llano e Fernando Then, culmina com um desafio singular: uma partida de *yaquis*, um jogo sul-americano exclusivamente feminino, que se torna o único território possível para resolver o conflito entre mulheres sozinhas. As tensões são levadas a um clímax de alta voltagem e ao mesmo tempo desmontadas com interrupções metateatrais que põem em causa a estrutura dramática da peça e que produzem um estranho efeito de distanciação sem, porém, acrescentar nenhuma beleza ao tema nem nenhuma chave à articulação da obra. A encenação consegue uma rara intensidade interpretativa, que atinge o espectador e o coloca perante uma realidade desagradável e muitas vezes escamoteada pelo teatro actual. É que o melhor teatro "latino" é fruto da necessidade vital de denunciar realidades vergonhosas, causadoras de muitos exílios, que são olímpicamente ignoradas pela situação confortável da Europa; um teatro que funciona como catalisador daqueles que não têm voz, em contraposição com o *happy end* da Broadway oficial.

<

La importancia de llamarse Blanca,
texto de e enc. Aminta de
Lara,
Latin American Theatre
Ensemble
(Fernando Then
e Diana Chery),
fot. Michael J. Palma.